

# Brasília-DF



CARLOS ALEXANDRE DE SOUZA Com Rafaela Gonçalves e Henrique Lessa  
carlosalexandre.df@dabr.com.br

## Pequena aldeia

Nos anos 1960, o teórico Marshall McLuhan entrou para a história ao explicar a “aldeia global”, ou seja, o mundo sob forte impacto das telecomunicações e dos meios de transporte. No século 21, a aldeia se mostra pequena e vulnerável: uma falha técnica pode afetar a vida de milhões de pessoas em questão de horas.

## Alerta avícola

O Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa) suspendeu ontem as exportações de carne de frango, ovos e outros produtos avícolas. O autoembargo se deu após a confirmação de um caso de doença de Newcastle em uma ave de uma granja no município de Anta Gorda, no Rio Grande do Sul. A medida deve valer por 90 dias.

## Prevenção

“Nosso sistema tripartite de defesa sanitária atuou de forma rápida para evitar a dispersão do vírus. Com agilidade e eficiência, iremos superar este momento rapidamente e trazer de volta a tranquilidade ao setor. Ainda não avaliamos como uma epidemia, porque foi um animal de uma granja com 14 mil aves”, disse o ministro da Agricultura, Carlos Fávaro.

## Desarmado

Ao justificar o pedido — negado pela Justiça Federal — de renovação de porte de arma de fogo, o vereador Carlos Bolsonaro (PL-RJ) disse ter “a cabeça a prêmio por sua atuação política”. O filho do presidente apresentou três termos circunstanciados com relatos de ameaça. Mas o juiz Vigdor Teitel, da 11ª Vara Federal do Rio de Janeiro, entendeu que os registros são insuficientes para autorizar o uso de arma de fogo.

# Uma aldeia global muito vulnerável

O apagão cibernético que afetou bancos, aeroportos e diversos outros setores e atividades pelo mundo sinaliza como a realidade digital impõe riscos à economia e à sociedade. A dependência tecnológica de governos, de empresas e da sociedade se torna ainda mais problemática em razão da tendência oligopólica na indústria da tecnologia.

Como alertou o presidente do Congresso Nacional, senador Rodrigo Pacheco, o episódio de ontem reforça a necessidade de se regulamentar o uso de inteligência artificial. Na avaliação do parlamentar, é importante ter um “cenário mais claro, seguro e adequado em relação ao uso de ferramentas virtuais e seus efeitos práticos na sociedade”.

Há tempos se toca o alerta sobre o uso indiscriminado de inteligência artificial, recurso tecnológico que tem sido utilizado praticamente sem restrições legais pelas big techs. Essa permissividade põe em xeque a credibilidade da informação — há inúmeros vídeos fictícios com autoridades e pessoas públicas, por exemplo — e a proteção de dados de pessoas e empresas.



## Michelle reage

A ex-primeira dama Michelle Bolsonaro ingressou com uma ação no Supremo Tribunal Federal contra o presidente do PT, Gleisi Hoffmann, por associá-la a crimes atribuídos ao clã Bolsonaro. Em uma rede social, a petista escreveu sobre os supostos planos da família para o Senado Federal. “Depois de roubar joias para pagar suas contas, fazer rachadinhas pra comprar imóveis, tentar golpe pra se manterem no poder, vão atacar a política com estratégia familiar”, escreveu Hoffmann. No escândalo mais recente, o das joias sauditas, a Polícia Federal (PF) não indiciou Michelle Bolsonaro.

## Chumbo grosso

No front das redes sociais, Hoffmann usa munição pesada contra o ex-presidente. Em comentário à declaração de Bolsonaro, na última quinta-feira, de que não passaria a faixa presidencial para “um ladrão”, a presidente do PT rebateu: “Investigado e indiciado como ladrão é você, Bolsonaro. E também por ser fraudador, mentiroso e golpista. Cuidado ao usar essa palavra para ofender quem quer que seja. É você quem tem de prestar contas à Justiça”, disse.

## Lula vai

O presidente Lula deve participar, no Rio de Janeiro, do pré-lançamento da Aliança Global contra a Fome e a Pobreza na próxima quarta-feira. A iniciativa é defendida pelo Brasil, que está na presidência do G20, e terá lançamento oficial em novembro. O governo aposta em uma forte adesão à causa. Esta semana, em visita ao Brasil, o presidente da Itália, Sergio Mattarella, manifestou apoio de seu país à ação social.

## PODER

Presidente evita repreender Nicolás Maduro, que, em recente comício, afirmou que haverá um “banho de sangue” ou uma “guerra civil” caso a oposição chegue ao Palácio de Miraflores. Para o brasileiro, seu governo não deve opinar sobre as escolhas nos países vizinhos

# Lula lava as mãos para a Venezuela

» HENRIQUE LESSA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse, ontem, que a Venezuela é “livre para eleger quem quiser”. A declaração foi feita dois dias depois de o presidente venezuelano, Nicolás Maduro ter dito que pode haver um “banho de sangue” ou uma “guerra civil” caso ele perca as eleições no próximo dia 28.

“Por que eu vou querer brigar com a Venezuela, com a Nicarágua, com a Argentina? Eles que elejam os presidentes que quiserem. O que me interessa é a relação de Estado para Estado, o que que o Brasil ganha e o que perde nessa relação”, esquivou-se.

Lula destacou que o Brasil mantém uma boa relação com todos e que seria o único em todo o mundo sem disputas com outras nações. “Uma coisa que temos que ninguém tem: não tem nenhum país do mundo sem contencioso com ninguém como o Brasil. Não existe. Todo mundo gosta do Brasil, e o Brasil tem que gostar de todo mundo”, salientou.

As declarações do presidente ocorreram na cerimônia em que foram anunciados investimentos de R\$ 15 bilhões em obras nas rodovias Via Dutra (BR-116) e Rio-Santos (BR-101), em São José dos Campos (SP). Também participaram da solenidade os ministros e vice-presidente Geraldo Alckmin (Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços), Silvio Costa Filho (Portos e Aeroportos), Renan Filho (Transportes), Luciana Santos (Ciência e Tecnologia) e Fernando Haddad (Fazenda).

O presidente aproveitou o evento para fazer política, com

## Ameaças em série

Luiz Inácio Lula da Silva é um dos últimos interlocutores do presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, nas Américas. O presidente brasileiro, apesar de dizer que o país vizinho precisa garantir eleições transparentes e democráticas, tem sido cobrado para ter uma postura mais dura com o venezuelano, depois de diversas denúncias de tentativas de manipulação do pleito presidencial com a perseguição da oposição. Lula, inclusive, mediou a interlocução entre Maduro e o presidente da Guiana, Irfaan Ali, uma vez que o chefe do governo da Venezuela decretou, unilateralmente, que a região de Essequibo pertence ao seu país.

vistas as eleições municipais de outubro. Além de cumprimentar os prefeitos da região presentes ao anúncio, criticou a ausência do governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos) — embora tenha ressaltado que ele era livre para ir ou não. Lula continuou na ofensiva contra o possível candidato do bolsonarismo à Presidência da República, em 2026: afirmou que mesmo sendo adversários, Tarcísio deveria ter começado a governar para todo o povo.

“Espero que, um dia, ele (Tarcísio) comece a mostrar para o povo que a gente pode ter sido adversário, ter disputado eleições,

mas que, depois, a gente precisa governar para o povo”, alfinetou.

O presidente também aproveitou para atacar o ex-presidente Jair Bolsonaro. Sem mencionar o nome do antecessor no Palácio do Planalto, lembrou que ele era evitado em eventos internacionais, o que levou o Brasil, segundo Lula, a ser relegado a um papel secundário no cenário global. “Se no ano passado fui ao mundo, agora não preciso mais — o mundo vem ao Brasil”, frisou.

Depois do evento dos investimentos nas rodovias, Lula compareceu ao anúncio sobre o financiamento para a American Airlines de 32 jatos E-175 fabricados pela Embraer. A operação de exportação das aeronaves soma de R\$ 4,5 bilhões.

“Não é sempre que o BNDES tem coragem de emprestar R\$ 4,5 bilhões para financiar avião para uma empresa americana. Isso é uma decisão política, não é econômica ou técnica. Uma decisão política tomada pelo governo”, afirmou Lula.

Para o presidente, o papel do BNDES de fomento é financeiro ou desenvolvimento das empresas nacionais e não o Estado brasileiro — como disse ter ocorrido no governo anterior, em mais uma crítica a Bolsonaro. “Vim porque, durante o governo passado, o BNDES só serviu para devolver dinheiro para os cofres do Tesouro Nacional para fazer as loucuras que fizeram neste país. (Bolsonaro) passou quatro anos dizendo que ia encontrar uma caixa preta no BNDES e o que ele encontrou foi o banco mais equilibrado desse país”, salientou.

Ricardo Stuckert/PR



Para a publicação inglesa, Lula deveria se empenhar em buscar um nome que possa sucedê-lo em 2026

# Críticas da *The Economist*

» VINICIUS DORIA

A revista britânica *The Economist* publicou, na edição deste fim de semana, um editorial em que critica o terceiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva sob a ótica de sua política econômica. Ao comparar aos dois primeiros governos do líder petista, a publicação aponta que o “terceiro mandato está se moldando para ser mais perigoso”, mas reconhece que “há pouco risco imediato de uma crise cambial”.

O artigo também faz referência à idade do chefe do Executivo brasileiro e sugere que deveria começar a preparar novas lideranças para sucedê-lo. “Lula fará 80 anos na próxima eleição. Ele deveria olhar para o futuro, promover sucessores mais jovens e

lutar pela reforma do Estado que o Brasil precisa, para abrir espaço fiscal para políticas genuinamente progressistas. Em vez disso, ele parece empenhado em repetir a velha fórmula de taxar e gastar, em seu caminho para mais um mandato”, diz a revista.

O artigo começa relembrando o cenário político brasileiro antes das eleições de 2022, sob o comando de Jair Bolsonaro — a quem a revista descreve como “populista de extrema-direita” que “espalhou intolerância e armas, e encorajou a pilhagem da Floresta Amazônica”. A ameaça que o ex-presidente representa à democracia, para a revista, “foi resumida por sua tentativa fracassada de persuadir as Forças Armadas a reverter sua derrota eleitoral”. Sobre o presidente que

o sucedeu, acrescentou que, “quaisquer que sejam suas falhas, Lula é um democrata”. E que o petista “agiu rapidamente para conter o desmatamento (da Amazônia), o que é do interesse do Brasil e do mundo”.

As críticas mais severas foram à política econômica, em um cenário bem mais adverso do que o que Lula encontrou entre 2003 e 2007. “Os tempos estão mais difíceis agora”, reconhece a publicação.

“O Brasil que ele herdou perdeu o rumo. O crescimento econômico anual nos 10 anos até 2022 foi, em média, de apenas 0,5%, embora tenha melhorado um pouco desde a pandemia. O problema é que Lula está gastando como se o país fosse muito mais rico do que é”, critica a publicação inglesa.